

## Um espelho para Helena

### Entrevista Inicial

Helena tem 43 anos e chegou ao meu consultório há 10 meses, na frequência de uma sessão semanal. Anteriormente fez análise e diz que saiu porque achava que seu analista a deixava de lado, não respeitava seus horários e atribuía isso ao fato de que pagava menos do que os demais. Em sua entrevista inicial, dizia-se deprimida porque batia em seus filhos pequenos (3e 5 anos) e sobrevinha a culpa. Falava que esse era o legado de seu pai, pois que era muito agressivo, recorrendo a força física e revólver nas brigas conjugais. Helena é quem fazia o papel de apaziguar o casal, enfrentando seu pai.

Um de seus projetos de vida era conseguir um emprego fixo e assim, poder aumentar suas sessões. Logo conseguiu trabalhar num alto cargo numa emissora de televisão e há um mês aumentou sua frequência para duas vezes semanais.

### História Pessoal

Tem uma história pessoal de muito empenho para sair das dificuldades familiares. Apesar de ser a caçula de pais separados, era, no entanto, quem organizava a casa e cuidava dos irmãos; já que sua mãe não dava limites e seus irmãos brigavam muito fazendo uso de faca.

Os irmãos são drogadictos, sendo que um tem HVI, o outro ,retardo mental, e a irmã,quando pequena, fez uma operação coronariana. Em conseqüência destas limitações foram poupados e se pouparam, como diz Helena, viviam "da revolta" diante dos conflitos familiares. e se afastavam de casa, enquanto ela que tinha que tomar uma atitude. Entendeu cedo, que precisava sair, procurar um emprego e se formar, assim cursou jornalismo.

"Dra, sempre tive que me virar sozinha, e ainda cuidar dos meus irmãos, nunca tive tempo para chorar, tinha que tomar atitudes. Quando acontecia alguma coisa em casa, eu que resolvia, meus irmãos iam para a rua, minha irmã se escondia, se defendendo, só restava eu para decidir. Nessa fala, Helena mostra que nunca teve tempo para chorar suas dores e nem lamentar-se como sua mãe. Tinha que agir, se virar.

Ao contar sobre sua infância, descreve que ficava horas num cercado, horas numa cadeirinha. Só pôde andar com 3 anos, porque como era a menor seria mais um "trabalho" para a mãe se andasse pela casa. Lembra-se que ela mesma balançava-se e dizia: Mã-mãe..e tomava mamadeira sozinha. (contou como se tivesse se ninando)

O pai de Helena parece ser uma pessoa muito instável emocionalmente, indo da depressão à mania. Casou-se 3 vezes, e teve um filho, que se suicidou por overdose. Nessa ocasião, Helena foi para perto de seu pai consolá-lo, porque estava deprimido.O pai reside sozinho em outra cidade e é alcoólatra.

Tem um contato mais estreito com este e liga isso ao fato de sempre tê-lo enfrentado nos momentos difíceis da família, indo, inclusive, depor contra ele na justiça., a pedido de sua mãe.

“Meus irmãos me colocam lá em cima próximo ao meu pai, porque estudei ,tenho uma profissão, mas quando eu me vejo lá em cima me dá uma culpa, não agüento, tenho que ficar perto deles, lá embaixo.Não é justo com eles e minha mãe. .

Helena mostra nessas palavras, que não pode ter uma vida melhor, porque está edipicamente ligada ao pai.Ver -se neste lugar, sobrevém o sentimento de culpa., possivelmente, por sentir-se invejada pela mãe e irmãos. Helena não agüenta é viver esse sentimento de culpa e necessita entender essa dinâmica de sua vida, para poder sair do lugar que se coloca e enfim,poder ter uma vida melhor..

Veio para o Rio ,quando seu pai empregou-se num jornal de grande circulação e logo se tornou bem sucedido. Acha que a transferência de cidade foi um marco em sua vida ,principalmente, porque seus pais se separaram e passou a ter uma vida que não era compatível com seu nível econômico, pois estudou em colégios caros, mas não tinham dinheiro para o dia-a-dia. Preferiu ter como amiga a filha do porteiro, -“porque tinha tanto quanto ela. ( palavras de Helena).

Sinto que minha paciente ao falar de sua mãe, a protege,e pouco se refere a ela.O que relata é nunca que se interessou por sua vida nem profissional nem pessoal. Recorda-se que após a separação, a mãe vivia pelos cantos reclamando da vida, do pouco dinheiro, e sempre lembrando aos filhos, a diferença entre a vida que levavam em relação a do seu pai. Apesar de lamentar-se ,não se paralisou, empregou-se como vendedora e posteriormente fez um concurso para enfermagem, trabalhou em hospital.

Após se formar Helena morou um tempo nos Estados Unidos, com a ajuda financeira de seu pai e, casou-se com quem diz ter sido sua grande paixão. Só que não suportou ficar longe da família e voltou sozinha para o Brasil com a promessa de que seu marido também viria, mas o prometido não aconteceu, então, sentiu-se muito só. Olhava para trás, via que não havia construído nada e acabou em depressão. Dormia, acordava , ia para o trabalho e começou a achar a vida sem graça. Diz que essa depressão foi por um tempo curto, pois logo conheceu seu atual marido que não considera um grande amor, mas que viu nele uma possibilidade de construir uma família. Helena, atualmente, faz muitas restrições a sua relação com o marido;tem muito ciúmes dele com os filhos, pois este parece ter um olhar mais acolhedor com as crianças. As sessões têm sido marcadas por descrições de brigas entre o marido e Helena.

A volta de Helena para o Brasil, quando deixa “seu grande amor” é um paradoxo para mim. Por que voltou deixando seu marido para trás?. Quando questionada sobre essa separação justifica seu retorno dizendo não suportar ficar distante dos seus familiares e ser muito agarrada à sua mãe.” Seria mais uma vez o sentimento de culpa, não se permitindo ter uma vida melhor do que seus familiares?

## Sessão 1. .

. Helena chegou à sessão atrasada, 20 minutos- como era freqüente

-Vim. Acordei e vim, deixei de levar meus filhos ao colégio, mas dane-se, eu preciso dormir um pouco. Eu ando muito aborrecida com meu trabalho, tenho tido sonhos horríveis, mas tudo por causa do meu trabalho. Meu chefe me colocou na geladeira, eu acho. Ele não se dirige a mim, só à chefe de redação. Outro dia , eu fui falar com ele e me disse que meu jornal estava horrível, porque as matérias estavam fracas, mas não sou eu quem escolhe as matérias, é a chefe de redação. Ele sabe disso. Ele é muito grosso, briga com todo mundo, reclama de todos. Mas comigo está demais. Eu sei que tenho um defeito- não sou cafajeste- assumo meus erros, teve um erro de digitação que eu deveria ter corrigido na hora, mas com o acúmulo de coisas, deixei para lá. Aí, quando veio reclamar comigo, me senti humilhada, não falo mais com ele. Antes eu ia sempre após o jornal perguntar o que achou mas não faço mais.

-Mas por que esse hábito de ir até ele saber como está o jornal?

- Eu queria que ele me desse um "feedback".

-Helena, se você me diz que ele é uma pessoa mal humorada, arrogante, que briga com todos, por que você vai perguntar a ele o que achou do seu jornal? Como seria esse "feedback"?

-Dr.<sup>a</sup> não sei, mas ele me chamou de burra. Ele disse que meu jornal estava péssimo , calou fundo dentro de mim.( chorou muito e pediu desculpas por estar chorando) Isso me lembrou meu pai, que sempre nos chamava de burros. Meu pai sempre partia do principio que quem não tinha estudo era burro. Só tratava as pessoas pelo grau de estudo, Dr., Mestre, e nós como não éramos nada, para ele seríamos iguais aos garçons, isso me lembro , quando íamos almoçar juntos após a separação de meus pais.

-Parece que você internalizou esse pai que não lhe validou. Eu fico pensando se quando você se coloca nessa sua posição tão humilde frente ao seu chefe, pedindo a avaliação, sabendo que ele não é de elogios, se estaria repetindo a experiência que tinha com seu pai de a chamar de burra, incompetente..E por outro lado, seria também, uma espera de reconhecimento..

-É, pode ser, nunca tinha pensado nisso, mas pode ser...É assim que eu faço, acabo pedindo demissão, ninguém me demite, eu que não tolero meus erros e saio. Mas também quero um elogio e se não tenho, vou-me embora.

- Se não há o elogio você se recolhe e vai embora, ou seja, você precisa ser reconhecida de alguma forma...

- É, eu não agüento, porque eu me lembro do meu pai. ( Entendo que aqui Helena também fala da mãe, que a deixou no cercado , sozinha sem que ninguém se preocupasse com sua existência)

-Vamos pensar juntas, Helena? Quando ficou desempregada, sempre foi chamada para bons empregos sem a ajuda de ninguém, mesmo de seu pai que era da área, por que seria você uma pessoa incompetente?

-Mas. Dra, meu pai sempre dizia que eu era burra e ainda quando eu arrumava um emprego,; eu ligava para ele , ele falava que era esperta! Sabe essa coisa de malandro carioca? Para ele, eu nunca arrumava emprego por ser inteligente, capaz., Era por malandragem, entende?

- Pela possibilidade de ludibriar os que lhe empregam.

-É...eu fico com esse sentimento... Tanto que saí de todos os empregos, nunca me demitiram. Mas eu vou mudar meu comportamento, eu vou mudar... (riu)

É muito intenso o desejo de Helena de ser olhada, validada, o que nessa sessão aparece com nitidez.

Sempre me chamou atenção Helena me chamar de Doutora, entendi que precisa me colocar nesse lugar idealizado, como seu pai, para poder se sentir cuidada, tratada por alguém que seja competente.

### **Sessão 2( parte):**

- Ando muito nervosa, tensa..( chorou muito). Estou sem falar com ninguém em casa. Não agüento mais o B. mimando a minha filha e agora o pequeno está ficando manhoso também. Tive até um sonho , acho que é saudade do meu ex, só pode ser. O B. está me cansando fica dando suspiros de deboche quando brigo com meus filhos. Outro dia, a minha filha começou a me desrespeitar e a querer mimo e eu vou esquentando. Num primeiro momento eu converso, depois, vou perdendo a paciência Ela fica zombando de mim, dizendo que quer o pai. Perdi a paciência e disse: Vai para seu pai que vai me perder!

- Primeiro ,Helena, vamos pensar? Por que você disse isso: que vai lhe perder? Parece que fica com ciúmes. Entra numa disputa com seu marido.

- Pois é, eu sei que isso não se diz, mas perco a paciência.

- Você fica com raiva e mostra que vai abandoná-la...

-É..mas isso não é consciente, mas eu faço, sai..

- E por quê? Qual seria o motivo?

- Não sei, sei que o B. mima demais e o meu medo é que eles passem a gostar dele. Eu estou perdendo meus filhos, porque trabalho demais. E não há filho que goste de mãe assim. O B.tem ficado em casa,

porque o trabalho dele está ruim e ontem até dei dinheiro para ele. Agora fica em casa com as crianças brincando e quando chego, tenho que fazê-los dormir, dar limites que ele não dá.

\_ Você fica com medo de ser a má porque dá limites e ele, o bonzinho. Mas criança precisa de limites mesmo. O problema é sua ameaça de abandono que você acena a toda hora...

- É mas eu não fico em casa, só chego em casa para brigar. Outro dia, a minha filha começou a dizer que queria outra babá, começou a insistir, eu disse: Se você quiser muito eu vou ter que trabalhar mais, tá? O B. fica bufando. Eu sou a má. Mas eu não estou certa?

- Por um lado você está a colocando na realidade, mostrando que não há dinheiro para pagar outra empregada. Mas me parece que o que você quer dizer para sua filha é que se você insiste, eu coloco uma substituta minha e me afasto..Você fica com ciúmes, já percebeu?

- Pois é, mas não é consciente. Ela quer tudo desde pequena que o B a mimia. Não é assim!(com raiva)

- Bem, se o B a mimia é o jeito dele. O que precisa é entender porque fica tão tocada com esse mimo dele.-

-Porque eu estou perdendo meus filhos! Até o pequenininho anda chatinho..

- Por que chatinho?

- Porque está igual à irmã querendo mimo.

-Parece que ele aprendeu que assim você olha para ele, mesmo que seja através da briga..

-Deixa eu falar de meu sonho, senão eu esqueço:Sonhei com meu ex, estávamos numa estrada e ele me abraçava, eu dizia para ficarmos juntos, mais ao mesmo tempo eu pensava: Agora não dá, eu tenho filhos e você também...Aí não me lembro mais, que saudades daquele tempo que eu vivia sem problemas..

- O que você associa nesse sonho?

-Acho que isso é saudade..A minha vida era mais tranqüila..Hoje é um inferno.

### **Minhas observações sobre as sessões apresentadas:**

Temos um longo caminho a percorrer, só estamos começando, 10 meses, apenas..Entretanto, o que já observo é sua ligação edípica ao seu pai e identificação com ele. Tem atitudes de intolerância frente aos filhos, agredindo-os, hoje, verbalmente e quando iniciou a análise, fisicamente. Embora diga que seu maior medo seja a repetição do que viveu. no passado, ou seja, as brigas constantes que vivenciou em sua família., vemos que repete e se desorganiza logo após..Por outro lado, esta ligação com seu

pai a impede, também, de ter sucesso, pois significa estar próximo dele, gerando sentimentos de culpa ao se sentir afastada de sua mãe e irmãos.

Vemos com clareza, que a sua relação familiar é baseada na competição e ciúmes com o marido. Parece que são irmãos que se digladiam. Estaria repetindo a situação familiar de competição e ciúmes dos irmãos? Além disso, Helena atua de forma agressiva a cada reação de sua filha. Demonstra que não suporta ver na filha, a menina que quis ser um dia, que pede "mimo.", que solicita e reivindica quando as coisas não são como deseja e necessita. Já o filho- com quem parece se identificar - pois não reclama, fica num canto- seria a lembrança do que ela foi um dia, aquela menina que ficava na cadeirinha, esperando que a vissem.

Nos procedimentos auto calmantes, utilizados por Helena, ninar -se, segundo Miriam Boubli, aconteceria porque um excesso de excitação, por ser traumático, não pôde ser ligado pelo ego. Este procedimento não estaria buscando prazer, mas tranquilização. Não seria da ordem do auto-erotismo, apenas uma manifestação motora, onde o ego é sujeito e objeto ao mesmo tempo, a fim de evitar uma repetição da separação que foi traumática; portanto seria a busca de uma ligação fusional. Na fase adulta, tal procedimento se manifesta em Helena pela hiperatividade, que seria uma defesa para não repetir a dor do trauma inicial. A autora cita Smadja: "O sujeito é hiperativo, a fim de não se afundar, se agarra à motricidade, que se origina da recusa ou impossibilidade da utilização do objeto externo. Seria um mecanismo especificamente anti-traumático."

Helena não pode viver a maternidade, pois que não conseguiu ter seu lugar de filha; sempre foi a mãe, a que cuidou, sem ser cuidada. Utilizou defesas para poder reagir à situação de desamparo. Nesse cenário, onde não houve possibilidade para se sentir validada, Helena precisa de um espelho em que veja sua imagem refletida. Pois não agüenta não se sentir vista e ser deixada no canto, como aconteceu em sua infância. Como diz Winnicott: *Quando olho, sou vista, logo existo. Ou, eu sou, eu existo, adquiro experiências, enriqueço-me*

*No processo de análise, através de nossa relação, sentirá a presença de outro, que a espelhará e poderá então existir, no sentido pleno. "Meu existir é visto e compreendido por alguém, é me devolvida (como face refletida em um espelho) a evidência de que necessito ser percebido como existente" (Winnicott)."*

**Denise Junqueira- Trabalho para a II Jornada de Candidatos da Aperj- Rio 4.**

Bibliografia:

O Espelho da mãe e da Família no desenvolvimento Infantil- O Brincar e a Realidade- D.W. Winnicott

O processo de integração do ego- O ambiente e o processo de maturação- D. W. Winnicott

M. Boubli . A. Konicheckis et al. (2002), Clinique psychanalytique de la sensorialité, Paris, Dunod